

Albert Schweitzer: Filosofia, Ética e Civilização

FELIPE FIGUEIRA*

Resumo: O objetivo do presente trabalho é introduzir o pensamento de Albert Schweitzer a partir de aspectos filosóficos, éticos e civilizacionais. Para tanto, serão analisadas as obras “Minha vida e minhas ideias”, “Minha infância e mocidade” e “Entre a água e a selva”. Além disso, visa-se fazer um contraponto à marginalização que Schweitzer tem recebido, visto que o seu pensamento e o seu modo de vida têm muito a acrescentar à humanidade do século XXI.

Palavras-chave: Albert Schweitzer. Filosofia. Ética. Trabalho humanitário.

Albert Schweitzer: philosophy, ethics and civilization

Abstract: The aim of this work is to introduce the thinking of Albert Schweitzer as from philosophical aspects, ethics and civilizational. Therefore, will be analyzed the works “Out of My Life and Thought”, “Memoirs of childhood and youth”, “On The Edge Of The Primeval Forest”. Besides, it seeks to stablish a counterpoint to the marginalization that Schweitzer has received, whereas his thinking and his lifestyle has to add to humanity of XXI century.

Key words: Albert Schweitzer. Philosophy. Ethic. Humanitarian work.



* **FELIPE FIGUEIRA** é professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Paranavaí; Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Estava convencido, como ainda estou hoje, de que toda tarefa humanitária em terras coloniais compete não somente aos governos ou às organizações religiosas, mas essencialmente a todos os homens.

Albert Schweitzer, 2010, p. 13.

Introdução

Albert Schweitzer (1875-1965) foi um músico (organista), filósofo, teólogo e médico alemão que, no início do século XX, deixou o conforto europeu e a posição de professor na Universidade de Estrasburgo e foi para Lambaréné, no Gabão. Essa empreitada, que na época foi recebida com receios por parte dos colegas de Schweitzer, por considerarem um desperdício intelectual e uma aventura, na verdade, revela a natureza de Schweitzer, de ser mais do que um acadêmico, mas alguém que busca atuar no mundo de verdade.

Apesar de todos os méritos de Schweitzer, apesar de todos os seus trabalhos publicados e de todos os prêmios recebidos, como o Prêmio Goethe de 1928 e o Prêmio Nobel da Paz de 1952, o seu trabalho encontra-se marginalizado, prova disso é que muitas das suas obras não recebem novas edições em língua portuguesa há décadas. Nesse sentido, esse artigo tem por pretensão servir de contraponto a esse esquecimento, revelando aspectos biobibliográficos do “grande doutor”, como era chamado, trazendo detalhes sobre sua perspectiva filosófica, ética e civilizacional.

“Minha vida e minhas ideias”

Albert Schweitzer é uma pessoa extraordinária e um pensador poderoso. Pessoa extraordinária porque fugiu do ordinário, e pensador poderoso porque é de uma erudição que raramente se vê nos próprios pensadores. Aspecto pessoal: tinha tudo para seguir a vida como professor de uma renomada universidade, a de Estrasburgo, e de se

tornar uma referência religiosa. Aspecto intelectual: era músico, filósofo e teólogo; era construtor de órgãos e conheceu vários expoentes intelectuais da Europa. No entanto, como ele próprio confessa em “Minha vida e minhas ideias”, ele precisava fazer algo diferente, no caso, precisava prestar um serviço mais prático à humanidade, como uma espécie de compensação à sua vida tão feliz. Foi a partir dessa visão de mundo que ele fez medicina, em suas palavras, para praticar a caridade de modo mais direto, e, após concluído este curso, ir à África praticar a medicina na “selva” do Gabão.

Todavia, que ninguém veja o modo de ser de Schweitzer como heroico ou como alguém que teve uma vida extraordinária porque queria uma vida extraordinária. Ao seu ver, conforme veremos abaixo, ele era apenas um cumpridor de um chamado, de um dever. Ele fez do extraordinário algo ordinário, pois só assim a vida passa a ser de fato vida. Mesmo sendo alguém mundialmente renomado, com obras traduzidas para vários idiomas (sejam elas de teologia, filosofia ou música), o pensador passava o dia entre consultas, cirurgias e muitos trabalhos braçais. Vamos às palavras de Schweitzer que sintetizam este parágrafo:

Como homem de atividade individual, frequentes vezes tenho sido consultado por outros que alimentavam ideias semelhantes. Só em relativamente poucos casos tenho assumido a responsabilidade de animá-los efetivamente. Amiúde pude verificar que a necessidade de “fazer algo especial” nascia apenas de um espírito inconstante.

Pretendiam dedicar-se a tarefas maiores, porque não lhes bastavam aquelas que lhes eram atribuídas. Eram também frequentes os casos em que sua decisão era determinada por ponderações completamente secundárias. Somente àquele que sabe descobrir um valor em toda e qualquer atividade e a ela se entrega com plena consciência do dever, assiste o direito interior de escolher como objetivo uma atividade extraordinária em lugar daquela que lhe coube naturalmente. Somente aquele que considera seu plano como algo perfeitamente normal, e não como algo extraordinário, e que não procura heroísmo mas apenas um dever a ser cumprido com um misto de bom-senso e entusiasmo, somente esse possui a faculdade de ser um desses desbravadores espirituais de que o mundo tem necessidade. Não há heróis da atividade; há somente heróis da renúncia e do sofrimento. Mas poucos deles são conhecidos, e ainda assim não à massa, mas só a alguns. (SCHWEITZER, s/d, p. 97).

Quem ler as obras do mestre alemão hoje pode até se incomodar com os termos “primitivo”, “selva” e “selvagem”. No entanto, que ninguém se esqueça, em primeiro lugar, que esses eram termos comuns no início do século XX, mas, mais do que isso, Schweitzer não via os nativos do Gabão como seres a serem explorados, seja pela economia, seja pela religião. Por mais que o médico tenha ido à África enquanto um missionário, seu trabalho, antes, era humanitário e independente. Para essa simples constatação, basta a leitura da fascinante obra “Entre a água e a selva”.

Outro aspecto que Schweitzer considerava era que o seu serviço médico (ele criou um hospital em Lambaréné que até hoje funciona) não era mais do que uma ínfima compensação pelo desfavor feito pelos brancos europeus ao

longo de séculos naquele continente. Infelizmente, ainda, a lógica ocidental, além de criar ideias desfavoráveis aos povos originários, também motivou guerras, sendo estas daninhas em todos os sentidos. É com esse sentimento, de declínio da civilização que o pensador escreverá o livro “Filosofia da Civilização”, obra monumental que perpassa a história intelectual do Ocidente, mas não só, indo também às esferas religiosas e filosóficas do Oriente. Não custa dizer, enquanto historiador que sou, que essa obra (“Filosofia da Civilização”) foi escrita no contexto da I Guerra Mundial, sob toda dificuldade possível para ser elaborada, pois Schweitzer se tornou prisioneiro de guerra e teve que entregar esse livro para um amigo esconder. Por que Schweitzer não é estudado em cursos de filosofia e história? Por que poucos acadêmicos ouviram falar do seu nome? Eis perguntas que devem ser respondidas e currículos redefinidos em suas bibliografias e mesmo missões.

Também não custa lembrar que Schweitzer recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 1952. Além disso, como citado por cima nas linhas deste artigo, ele conviveu com vultos intelectuais e com celebridades, sendo possível mencionar, na parte musical, Cosima Wagner, esposa do grande músico alemão. Alguém que ler este trabalho a partir deste parágrafo poderia pensar: “que privilegiado”, “que vida fácil e feliz”. É até possível dizer “que privilegiado” e “que vida fácil e feliz”, mas, nem por isso, não foi uma vida repleta de renúncias (uma das faces da liberdade), de dificuldades e infelicidades. Sobre otimismo e pessimismo comentou o pensador: “À pergunta sobre se sou pessimista ou otimista respondo que meu entendimento é pessimista, e minha vontade e esperança são otimistas” (SCHWEITZER, s/d, p. 248).

Toda pessoa que encontra o seu chamado interior e o atende sabe que o caminho a percorrer será árduo e que será tachado tantas vezes de louco e de tolo. Schweitzer não fez medicina por causa do dinheiro, mas para colocar a caridade em prática, como ele próprio assinalou. Schweitzer, aos 30 anos, deixou a sua zona de conforto (filosofia, teologia e música), e cursou medicina. Caso ele tivesse feito essa conversão profissional para “ganhar dinheiro” muitos entenderiam, mas, como não era o caso, ele só poderia ter “perdido o juízo”. Todavia, o filósofo sabia bem o que fazer e isso lhe era motivo de felicidade:

Quando o homem se torna consciente do mistério de sua vida e das relações existentes entre a sua vida e a vida que enche o mundo, não poderá senão tributar respeito tanto à sua própria como a toda vida com que entra em contato e pôr em prática esse respeito através de uma afirmação ética do mundo e da vida. É bem verdade que, assim procedendo, sua existência se tornará mais difícil do que a daquele que vive só para si, mas, por outro lado, ela tornar-se-á mais rica, mais bela e mais feliz. Ao invés de ir vegetando simplesmente, ele viverá efetivamente a vida. (SCHWEITZER, s/d, p. 238).

Em “Minha vida e minhas ideias” vemos, como o próprio título sugere, o pensador discorrer sobre aspectos biográficos e intelectuais da sua obra. Mas, que ninguém se engane, esse não é um livro de pormenores biográficos, mas uma autobiografia intelectual. É possível dizer que o livro estaria melhor representado na seguinte ordem: “Minhas ideias e minha vida”, porém, essa inversão é um preciosismo

absolutamente dispensável. O que não é dispensável, isto sim, é conhecer a obra do músico, filósofo, teólogo e médico, que fez do extraordinário algo ordinário. Não seria esse ordinário um chamamento à humanidade para que faça da própria vida algo repleto de sentido? E que sentido seria esse? O de amar a vida como um todo.

“Minha infância e mocidade”

Há um princípio em Nietzsche que sempre me foi caro, e encontra-se na obra “Além do bem e do mal”¹: “Maturidade do homem: significa reaver a seriedade que se tinha quando criança ao brincar” (NIETZSCHE, 2001, p. 71). E o que seria a criança? Alguém até 11 anos? Até 5? Ou alguém que possui sonhos e brinca por eles? Ou alguém que dificilmente se ressentido? O mais provável é ler a infância como um estado de espírito. E por que o adulto deve lutar pela sobrevivência da criança? E como se dará esta luta em meio a uma vida tão árdua?

As questões anteriores também foram fruto de reflexões para Albert Schweitzer em vários momentos de sua criação intelectual, como se dá em “Minha infância e mocidade”. É possível dizer, desde já, que o princípio de Nietzsche se tornou um princípio também para Schweitzer. Mas, as perguntas do parágrafo anterior permanecem e merecem respostas.

Em “Minha infância e mocidade” Schweitzer traz, além de elementos biográficos, questões fundamentais em torno dos seus pensamentos e modo de ser, algo próximo do que foi feito em “Minha vida e minhas ideias”. Todavia, naquela obra a ênfase, como o próprio nome diz, é na infância e na mocidade,

¹ Esta obra, Schweitzer, em “Minha vida e minhas ideias”, considerava como uma obra-prima da cultura alemã.

logo, ao princípio trazido em “Além do bem e do mal”. Para poder viver o máximo possível, para ser alguém ativo e criativo, Schweitzer percebeu que só seria possível se mantivesse uma fé constante na infância, tida por idealismo. Mas, enquanto adulto, seria a hora de burilar esse idealismo, ao que ele diz:

A madureza a que devemos aspirar consiste em nos tornarmos, ao preço de esforços contínuos, sempre mais simples, sempre mais sinceros, sempre mais puros, sempre mais pacíficos, sempre mais tolerantes, sempre mais bondosos, sempre mais compassivos. Não nos deixemos abater pela desilusão. Porque na fornalha das desilusões o ferro maleável do idealismo juvenil deve transformar-se no aço inalterável do idealismo consciente. (SCHWEITZER, s/d, p. 68).

E quais seriam os benefícios da infância no adulto? E quais os perigos? Veja-se que as perguntas não cessam de aparecer. Dentre os benefícios é possível citar: uma vida mais feliz, menos desgastes e uma noção mais clara do tempo. Quanto a uma noção mais clara do tempo, como parece algo obscuro, convém esclarecer.

O tempo pode se dividir em curto, médio e longo. Quanto ao “agora” (curta duração), é preciso viver, aproveitar a vida, distribuir gratidões, comer, beber, rir; o tempo de média duração, por sua vez, implica maiores planejamentos e se relaciona ao que queremos para o próximo ano ou para dois ou três anos depois, sempre sob a perspectiva que contemple a valorização da vida; já o tempo de longa duração diz respeito ao que queremos ser na vida, como queremos viver. Logo se vê que esses tempos se fundem, e que o espírito jovem, idealista, sonha, luta e brinca pelo sonho e faz da vida um valoroso idealismo. Ao final da jornada, o velho é

tão criança quanto uma criança de 5 anos.

Albert Schweitzer era um idealista, pois sonhou com um hospital na selva, mas não só. Antes ele sonhou que a gratidão era um sentimento nobre que deveria ser manifesto. Antes ele sonhou que até os 30 anos se dedicaria à música, à teologia e à ciência quase que exclusivamente. E antes ele sonhou que muitos deixavam de sonhar e isso era a coisa mais triste que havia. É terrível quando “ser maduro” torna-se a meta de vida, até porque muitas pessoas passam rapidamente da madureza para a podridão. Schweitzer, por sua vez, não era e nem gostaria de ser tratado como um santo, pois isso seria algo criticável para ele próprio, seria como se alguém levasse uma vida extraordinária porque queria uma vida extraordinária. Isso seria um dos sinais da madureza, logo, da podridão.

“Entre a água e a selva”

Um livro que me marcou é o que será tema deste subtítulo, a ponto de eu o ter lido duas vezes num curto espaço de tempo. E por que ele me deixou uma impressão tão forte? Porque eu vi um pensador poderoso que uniu a teoria com a prática. A teoria? Ele era teólogo, músico, filósofo e médico. A prática? Colocou todo o seu conhecimento à disposição de Lambaréné, no Gabão, atuando como médico entre a água e a selva.

Segundo o próprio Schweitzer, o que ele deixou na Europa? “Deixei a docência na Universidade de Estrasburgo, a arte de tocar órgãos e uma carreira de escritor para atuar como médico na África equatorial.” (SCHWEITZER, 2010, p. 11). Todavia, desde já, que ninguém se engane: ele jamais deixou de se dedicar à música e à escrita, só não o fazendo de forma exclusiva ou como primeira atividade. A vocação do pensador o

inclinou a tal ponto que os seus gostos mais intelectuais foram recuados. Na verdade, o termo correto não seria nem “recuado”, mas postos a servir à sua missão, que era a de cuidar do sofrimento humano, no caso, dos nativos do Gabão.

É interessante acompanhar o percurso do escritor Albert Schweitzer, apesar dele dizer que deixou a vida de escritor na Europa, pois é possível acompanhar uma escrita intimamente relacionada à vida, uma escrita na vida. E como ele passou a escrever? Muitas vezes, depois de um dia exaustivo, que se fazia entre consultas, cirurgias e trabalhos braçais. Era comum o médico ser interrompido enquanto estudava, chegando-lhe doentes, ou aparecendo todo tipo de atividades, como construções, arrumações no hospital, além de ter que atuar como vigia de trabalhos, etc. Schweitzer chega a ficar “zozzo” por causa da alta demanda que lhe recaía.

Acabava eu de escrever o trecho acima, nesta tarde de 10 de janeiro, quando tive de ir às pressas ao cais. A senhora Georges Faure, missionária em N’Gômô, gravemente acometida pela malária, chegava numa lancha a motor. Mal terminava a minha primeira injeção de quinina, eis que uma canoa me trazia um rapaz cuja perna direita havia sido fraturada e horripelmente dilacerada por um hipopótamo, no lago de Sonanguê. (SCHWEITZER, 2010, p. 63).

Como uma enfermaria só não basta para albergar os meus doentes, preciso quanto antes construir outras cabanas. Necessito também de local para isolar doentes contagiosos, principalmente os disentéricos. Portanto, além da clínica, não me faltam outras tarefas. (SCHWEITZER, 2010, p. 68).

Dois doentes queixosos de febre ou dores de cabeça me reteriam diante do microscópio durante toda uma manhã se eu quisesse efetuar minuciosamente as minhas investigações. Mas lá fora esperam vinte doentes que precisam ser atendidos antes do meio-dia! E preciso fazer curativo nos operados, destilar água, preparar medicamentos, tratar úlceras, extrair dentes! Essas alternativas e a impaciência dos doentes me enervam muitas vezes a tal ponto que fico zozzo. (SCHWEITZER, 2010, p. 90).

Schweitzer teve, quando estudava e lecionava em Estrasburgo, contato íntimo com a intelectualidade europeia, sendo que mesmo após iniciar sua missão em África ainda dialogava com os intelectuais. Porém, é preciso imaginar que quem sai do conforto da Europa e vai para a selva do Gabão, no início do século XX, perde também parte desses diálogos. Não há que se comparar o contato diário com escritores que tinha um Hemingway na década de 1920 em Paris, com o que estabelecia Schweitzer entre a água e a selva. É por isso que o alemão dizia que a carreira de escritor ele tinha abandonado.

A questão é que cada pessoa deve viver a sua vida em busca de sua vocação. E por que isso? Para que a vida tenha mais sentido. Hemingway, apesar de passar fome em Paris, não reclamava, ou se censurava quando reclamava, pois ele tinha escolhido ser escritor em Paris, e para isso viriam percalços. Schweitzer é semelhante: para atingir o seu objetivo não raro teria dificuldades no Gabão, como em relação à sua saúde, tendo ele e a esposa problemas nos dentes e anemia. Apesar dessas dificuldades, o médico agradecia a vida que levava e a oportunidade de curar e de diminuir o sofrimento alheio.

O livro “Entre a água e a selva” foi escrito em parte como divulgação do trabalho já realizado, em parte para o próprio médico consolidar suas impressões missionárias. É por isso que se vê, ao mesmo tempo, apelos aos amigos europeus para que continuem contribuindo com a sua obra médica, e impressões sobre hábitos dos nativos. No transcorrer do livro, o leitor aprende, simultaneamente, como é o trabalho de um médico que dispõe de poucos recursos, como o tanto que de pouco muito pode ser feito. Isso leva a uma apologia à miséria? Não, em momento algum Schweitzer conduz a essa conclusão, mas que ninguém deve dizer que é impotente, incapaz de se colocar em ação.

Já foi dito que a rotina do médico era extensa e intensa, o que, todavia, não lhe diminuía o “vigor intelectual”, o que o espantava. Nas palavras do filósofo:

Eis um fato que me espanta: apesar do cansaço e da anemia, conservo quase intato o meu vigor intelectual. Se o dia não foi muito trabalhoso, posso ainda, depois da última refeição, trabalhar durante uma ou duas horas na minha obra sobre a noção de civilização e a ideia fundamental da ética na história do pensamento humano. Os livros que necessitava para esse trabalho e que não possuía me foram enviados pelo senhor Strohl, professor de Zoologia na Universidade de Zurique. Minha mesa está colocada rente à porta que abre para a varanda e que, em lugar de vidro, tem uma fina rede metálica, de modo que posso respirar ao máximo a brisa ligeira da noite. As palmeiras acompanham com seu leve sussurro suave a música aguda dos grilos e sapos. Gritos horrendos e inquietantes chegam a mim, vindos da floresta. Caramba, meu cão fiel, grunhe baixinho para me lembrar de sua presença. Um pequeno antílope

fêmea anã está estendida a meus pés, debaixo da mesa. Nesta solidão, procuro formular os pensamentos que me preocupam desde 1900 e que contribuirão para a reconstrução da civilização. Oh, solidão da selva, como poderei agradecer-te bastante o bem que me fazes!... (SCHWEITZER, 2010, p. 151-152).

E o que seria esse “vigor”? A capacidade reflexiva para se colocar além do “aqui agora”. Schweitzer afirma no livro que ter gosto intelectual é fundamental para quem vive na África, para o missionário em geral, pois isso não o deixa cair em fatalismos e lhe cria uma postura de pensamento rigorosa. Se alguém diz “isso não é possível”, a pessoa dada às reflexões não dará isso como algo dado e acabado. Em Schweitzer, o intelecto leva à esperança, e isso será importante para não perder a fé na humanidade, ainda mais quando se tem em vista que “Entre a água e a selva” foi escrito no contexto da 1ª Guerra Mundial.

Schweitzer será, ao mesmo tempo, um intelectual, um músico, um médico e um promotor da paz. A sua ideia de “confraria da dor” é valiosa. Alguns poderão chamá-lo de utópico, mas, que assim seja. E o que seria essa “confraria”? Toda pessoa que um dia sentiu dor, que sofreu males físicos e espirituais, deve se unir à outra que também sentiu, de modo que seja criada uma confraria de pessoas preocupadas com o bem, com a vida. É esse o motivo da esperança de Schweitzer, apesar de toda a sua desconfiança com a civilização, como se demonstra em suas críticas à guerra e em seu livro “Filosofia da Civilização”.

Todos quantos conheceram a angústia e a dor física estão unidos no mundo inteiro por um laço misterioso. Cada um deles conhece as leis inexoráveis a que o homem pode estar submetido e a aspiração

que tem de se ver livre das dores. Mas quem se sente libertado delas não deve pensar que está livre de todo e que pode reentrar na vida comum como se nada houvesse acontecido. Travou conhecimento com o sofrimento e a angústia, e deve já agora ir ao encontro do sofrimento e da angústia e contribuir na medida em que a força humana possa agir para a salvação do próximo, já que ele próprio foi salvo. (SCHWEITZER, 2010, p. 176-177).

Sempre que eu leio Schweitzer, eu consigo sentir o poder de sua escrita como algo que me toca não só o intelecto, mas o corpo como um todo. Eu tenho vontade de agir, ainda que a minha ação possa ser ínfima e até mesmo vista como ridícula. O médico também recebeu todo tipo de reprimenda ao se colocar a caminho de sua obra. Apesar de todo estudo que possuía, Schweitzer não se deixou levar pelo sedutor discurso retórico do conhecimento pelo conhecimento (FIGUEIRA, 2015, p. 133), e é por isso que ele não pode ser lido jamais como um moralista, mas sim como um médico e artista.

Considerações finais

Uma atitude que é central em Albert Schweitzer é a “Reverência pela vida”, que, traduzindo sob o horizonte de Goethe, autor admirado pelo médico, seria a busca por uma “bela alma” (vide o Livro VI de “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”). E o que seria isso? A harmonia do ser humano em relação a Deus e à natureza. Sendo Schweitzer cristão, visava o “amai ao próximo como a ti mesmo”, e, fazendo parte da natureza, buscava valorizá-la, reverenciando-a como essencial a tudo e a todos.

Mais do que um acadêmico, mais do que um erudito, o que se vê em Schweitzer, por meio de seus livros e de seu trabalho missionário, é alguém que busca pensar a vida na vida, e foi a partir disso que se lançou a um projeto que inicialmente – e mesmo após anos de empreitada – foi tido como desvario, mas que é inspirador a todos aqueles que de fato reverenciam a vida. Essa lição ética, civilizacional, não pode ser esquecida.

Referências

FIGUEIRA, F. L. G. **Nietzsche e o eruditismo: uma introdução a uma nova concepção de formação** (2015). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Trad. de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWEITZER, Albert. **Entre a água e a selva: narrativas e reflexões de um médico nas selvas da África equatorial**. Trad. José Geraldo Vieira. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. **Filosofia da civilização: Queda e reconstrução da civilização. Cultura e ética**. Trad. Petê Rissatti. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

_____. **Minha infância e mocidade / Histórias africanas**. Trad. de José Geraldo Vieira. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/d.

_____. **Minha vida e minhas ideias**. Trad. de Otto Schneider. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/d.

Recebido em 2024-02-14
Publicado em 2024-03-06